



ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

FERNANDA BARBOZA FREITAS BRANDÃO

A SEXUALIDADE NO ADOLESCENTE COM TEA: ALGUMAS REFLEXÕES

SALVADOR/ BA

2024

FERNANDA BARBOZA FREITAS BRANDÃO

A SEXUALIDADE NO ADOLESCENTE COM TEA: ALGUMAS REFLEXÕES

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado na graduação em
Psicologia, na Escola Bahiana de
Medicina e Saúde Pública.

Orientadora: Prof. Dra. Isabella Queiroz

SALVADOR/ BA

2024

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), na perspectiva biomédica, é uma condição crônica do neurodesenvolvimento associada a dificuldades clinicamente significativas em atividades sociais, ocupacionais e demais áreas de funcionamento psíquico, acarretando especificidades na expressão da sexualidade. A maturidade sexual é alcançada na adolescência, momento marcado pela escolha amorosa do objeto. As especificidades apresentadas pelas pessoas com TEA devem ser consideradas no que tange a possíveis entrelaçamentos com a expressão da sexualidade nesses casos. Em face do exposto, é importante compreender e abordar a sexualidade das pessoas que convivem com TEA, refletindo sobre estigmas existentes acerca da vivência da sexualidade dessa parcela da população. **Objetivo:** confrontar a literatura científica com o episódio oito da primeira temporada da série *Atypical* a respeito de especificidades da sexualidade do adolescente que convive com o Transtorno do Espectro Autista. **Metodologia:** multimétodo de caráter qualitativo exploratório, Método 1: uma revisão integrativa, a partir de artigos eleitos, extraídos das bases de dados: Scielo, Pepsico, MEDLINE/Pubmed e BVS; Método 2, estudo documental, de análise fílmica, com base no episódio oito da primeira temporada da série *Atypical*. **Resultados:** Método 1: foram selecionados 8 artigos, estruturando-se, subsequentemente, os eixos temáticos: a) Paradigma da Neurodiversidade; b) Comportamento Social da pessoa com TEA diretamente relacionados aos aspetos afetivo-sexuais abrangendo as características da Dinâmica familiar, social e comportamental; c) Educação e informação sobre a sexualidade. Ao confrontar os dados da série com a literatura científica, observou-se que a ascendência da visão biomédica. Logo, compreender o autismo sob a perspectiva identitária é fundamental.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro do Autismo; Sexualidade; Adolescência

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD), from a biomedical perspective, is a chronic neurodevelopmental condition associated with clinically significant difficulties in social, occupational, and other areas of mental functioning, resulting in specificities in the expression of sexuality. Sexual maturity is achieved in adolescence, a time marked by the choice of a loving object. The specificities presented by people with ASD should be considered with regard to possible interconnections with the expression of sexuality in these cases. In view of the above, it is important to understand and address the sexuality of people living with ASD, reflecting on the existing stigmas regarding the experience of sexuality of this segment of the population. Objective: to compare the scientific literature with episode eight of the first season of the series *Atypical* regarding the specificities of the sexuality of adolescents living with Autism Spectrum Disorder. Methodology: exploratory qualitative multi-method, Method 1: an integrative review, based on selected articles, extracted from the databases: Scielo, Pepsico, MEDLINE/Pubmed and BVS; Method 2, documentary study, film analysis, based on episode eight of the first season of the series *Atypical*. Results: Method 1: 8 articles were selected, subsequently structuring the thematic axes: a) Neurodiversity Paradigm; b) Social Behavior of people with ASD directly related to affective-sexual aspects covering the characteristics of family, social and behavioral dynamics; c) Education and information about sexuality. When comparing the data from the series with the scientific literature, it was observed that the biomedical vision is ascending. Therefore, understanding autism from an identity perspective is fundamental.

Keywords: Autism; Sexuality; Adolescence

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 6 |
| 2 OBJETIVO GERAL | 6 |
| 3 OBJETIVO ESPECÍFICO | 7 |
| 4 REVISÃO DE LITERATURA | 7 |
| 4.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO..... | 7 |
| 4.2 ADOLESCÊNCIA PARA PSICANÁLISE..... | 8 |
| 4.3 SEXUALIDADE PARA A PSICANÁLISE | 10 |
| 4.5 SEXUALIDADE E AUTISMO – CAPACITISMO, EUGENIA E O LUGAR DO SEXO DESDE A REFORMA HIGIENISTA | 13 |
| 5 MÉTODO | 14 |
| 5.1 DESENHO DO ESTUDO | 14 |
| 5.1.1 Desenho Método 1 - Revisão Integrativa | 14 |
| 5.1.2 Estratégia de Busca Método 1 | 14 |
| 5.1.3 Critérios de Inclusão e Exclusão Método 1 | 15 |
| 5.1.4 Identificação e Seleção do Estudo Método 1 | 15 |
| 5.1.5 Extração de Dados Método 1 | 15 |
| 5.2 DESENHO MÉTODO 2- ANÁLISE FÍLMICA..... | 16 |
| 5.2.1 Extração dos dados | 16 |
| 5.2.3 Critérios de Inclusão e Exclusão Método 2 | 16 |
| 5.2.4 Tratamento dos dados | 17 |
| 6 RESULTADO | 17 |
| 6.1 RESULTADO MÉTODO 1..... | 17 |
| 6.2 RESULTADO MÉTODO 2..... | 20 |
| 7 DISCUSSÃO | 24 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 28 |
| REFERÊNCIAS | 29 |

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é, na perspectiva biomédica, uma condição crônica do neurodesenvolvimento, cujas características principais são os déficits na comunicação social e os interesses, comportamentos ou atividades restritas e repetitivas (Hosseini & Molla, 2021). Esse transtorno está associado a dificuldades clinicamente significativas em atividades sociais, ocupacionais ou outras importantes áreas de funcionamento atual. Os déficits na comunicação social abrangem problemas de reciprocidade, desenvolvimento e manutenção de relacionamentos (APA, 2014), podendo afetar negativamente a adequada expressão da sexualidade (Pecora, Mesibov, & Stokes, 2016).

Refletindo acerca das especificidades existentes no desenvolvimento físico e sexual de indivíduos que convivem com autismo, devemos considerar que as experiências e expressões da sexualidade desses sujeitos são tão diversas quanto o espectro (Sala *et al.*, 2020) demandando uma estrutura de apoio adaptável e que considere necessidades, desejos, dificuldades e comprometimentos (Parchomiuk, 2018).

Apesar do crescente interesse da literatura científica em relação ao autismo, esta permanece escassa em pesquisas sobre as necessidades das pessoas que convivem com o TEA no que se refere à esfera sexual (Brilhante, Filgueira, Lopes, Vilar, Nóbrega, Pouchain & Sucupira, 2021). Essa lacuna associa-se ao entendimento da deficiência como incapacidade, e ao silenciamento e à desqualificação dos próprios autistas. Diante disto, é de suma importância conhecer, compreender e abordar a sexualidade das pessoas que convivem com transtorno do espectro do autismo, pois, dessa forma, contribuimos para a promoção da inclusão, suporte adequado e desmistificação de estigmas acerca das necessidades sexuais dessa parcela da população, além de melhorar a sua qualidade de vida.

Neste sentido, este trabalho busca falar sobre e fazer algumas reflexões acerca da sexualidade do adolescente que convive com o autismo.

2 OBJETIVO GERAL

Confrontar a literatura científica com o episódio oito da primeira temporada da série *Atypical* a respeito de especificidades da sexualidade do adolescente que convive com o Transtorno do Espectro do Autismo.

3 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Descrever a constituição da sexualidade na adolescência típica, segundo a Psicanálise
- Descrever as atipias presentes na pessoa com TEA e seus impasses para a constituição psíquica
- Caracterizar as especificidades do laço da pessoa que convive com TEA em relação ao outro passíveis de interferir na expressão da sexualidade

4 REVISÃO DE LITERATURA

O racional teórico do presente estudo situa-se na questão da sexualidade na adolescência, considerando as especificidades da condição de se viver com o TEA. As reflexões serão tecidas à luz das contribuições da Psicanálise.

4.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), como descreve a literatura biomédica, é caracterizado pela presença de sinais observáveis desde a primeira infância, incluindo desinteresse na interação social e padrões repetitivos de comportamento. Esses comportamentos podem incluir balançar o corpo para frente e para trás, movimentar as mãos ou os pés, estalar os dedos e repetir sons ou palavras, entre outros (American Psychiatric Association [APA], 2014). Nessa direção, sendo considerado um transtorno do neurodesenvolvimento, sujeitos autistas comumente são submetidos às estratégias de adaptação social, visando uma intervenção nesse campo. Todavia, numa perspectiva psicanalítica lacaniana, o autista possui particularidades em seus laços sociais, tendo uma forma singular de inserção no campo da linguagem, isto é, o autismo não seria uma doença ou uma desvantagem, mas sim uma maneira distinta de participação do sujeito no discurso e no laço social (Binevicius & Lourenço, 2020).

Para Lacan (1998), a constituição subjetiva ocorre através de um processo de apropriação lógica da linguagem. Esse processo é possível a partir do momento em que o Outro primordial (normalmente quem exerce a função materna) interpreta as primeiras manifestações do recém-nascido, introduzindo-o no mundo Simbólico oferecendo-lhe significantes, aos quais ele irá se alienar. Porém, o sentido que vem do Outro não é capaz de abarcar completamente o ser do sujeito ocasionando sempre há uma perda, gerando assim, uma primeira falta que dividirá o sujeito. Para que o movimento de entrada na

linguagem não se interrompa, a falta se faz necessária, ocasionando vazios. São justamente esses vazios entre os significantes do discurso do Outro que impulsionam a constituição subjetiva, via linguagem. É pela via do significante que o outro acontece. Assim, Lacan (1999) afirma que a linguagem precede o sujeito, que já nasce falado no mundo, mas o saber fazer com a linguagem é adquirido em um processo que coincide com a constituição subjetiva. Dessa forma, a criança já está imersa na linguagem quando nasce.

No contexto do transtorno do espectro do autismo, o indivíduo está inserido na linguagem, mas recebe os significantes de maneira passiva e não interativa. Dessa forma, os significantes não conseguem se articular com outros para produzir sentido. O Outro não teria transmitido a linguagem por meio da interpretação, deixando espaço para suposições e todo o jogo simbólico que sustenta o discurso. A vocalização involuntária não representa uma construção intelectual, mas sim um gozo vocal que a mobiliza. Portanto, quando o enunciado é direcionado, a experiência pode ser devastadora. Assim, a enunciação inesperada surge apenas em situações inquietante, com caráter de necessidade ou urgência. Nessas circunstâncias, não é uma escolha subjetiva, mas um reflexo provocado pelo contexto. O indivíduo não consegue modular, parafrasear, comentar ou refletir sobre o que acabou de dizer. Dessa forma, é apenas no auge da angústia que ele deixa escapar tal vocalização. Para evitar essa experiência angustiante, o sujeito busca se proteger contra sua repetição. Nesse caso, a relação com o Outro é vista como invasiva e, portanto, evitada. Esse processo de evitação ainda é uma forma de referência ao Outro, ou seja, uma forma de comunicação (Maleval, 2019).

4.2 ADOLESCÊNCIA PARA PSICANÁLISE

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS/WHO, 2000), a adolescência é um período que abriga as transformações de cada uma das pessoas, passando da fase infantil para adulta. Além disso, é nessa etapa que acontece o desenvolvimento saltos importantes dos processos psicológicos e biológicos do sujeito. Para a psicanálise, falar em adolescência é entender uma temporalidade subjetiva que possibilita novas combinações que conduzem a mecanismos mais complexos (Lazarini, 2019). É compreender esse momento de transição e adaptação do sujeito às novas demandas da vida frente as mudanças que lhes são impostas (Medeiros, & Calazans 2018).

Ao pensarmos em adolescência torna-se necessário fazer uma alusão a outro fenômeno distinto que está bastante associado a esse processo: a puberdade (Lazarini, 2018; Medeiros, & Calazans 2018). As mudanças drásticas que acometem o corpo

desencadeiam uma série de transformações na esfera psíquica e pulsional (Viola e Vocaro, 2018). A pulsão sexual passa a servir à função reprodutora e "consuma-se" no lado psíquico o encontro do objeto para qual o caminho fora preparado desde a infância. Desse modo, o sujeito se volta para um objeto "fora do corpo", ocasionando um "reencontro" com este objeto (Freud, 1905/1996a, p. 210). Em vista disso, a puberdade corresponde a irrupção de um real biológico e a convocação do sujeito para assumir sua posição frente ao sexo, fazendo uma opção de escolha de objeto que prescinde da via incestuosa. Assim, há um redirecionamento de seu interesse sexual para outros objetos, reafirmando a renúncia do objeto edípico (Freud, 1905). Nesse sentido, podemos entender a puberdade como a emergência da genitalidade em consequência do amadurecimento dos caracteres sexuais e do fluxo hormonal. Já por adolescência, compreendemos como a subjetivação desses eventos, ou seja, a forma como o indivíduo enfrentará esse momento (Medeiros, & Calazans 2018).

Ao iniciar a passagem pelo processo de adolecer, torna-se necessário ao indivíduo passar por um processo de ressignificação, ou seja, de luto, atrelado tanto ao corpo físico que, agora, se encontra atravessado por mudanças físicas como o lugar que este ocupava na família. Por conseguinte, torna-se de suma importância para o adolescente entender o lugar que ele se situa frente ao Outro enquanto sujeito, tal qual como este espera dele. Em outras palavras, corresponde a uma tentativa de entender a si próprio e de se encontrar enquanto sujeito, sendo marcado por reorganização das suas estruturas simbólicas, que ocorrerá de maneira singular, a depender de cada sujeito (Medeiros, & Calazans 2018). Assim, na adolescência é instaurada uma nova forma de se relacionar com o saber que articula a reinserção simbólica do sujeito, confrontando-o com o real do sexo (Viola e Vocaro, 2018).

Desse modo, esse período é marcado por acontecimentos importantes, como: reconstrução da imagem corporal; rememoração das questões edípicas; constatação da impossibilidade da completude imaginária devido ao encontro com sexo e definição do funcionamento psíquico com o laço com o outro (Jucá e Vocaro, 2018). Assim, a adolescência é uma tarefa psíquica que precisa unir a escolha do objeto sexual, a separação da família, com o consequente encaminhamento do jovem em direção à sociedade mais ampla (Lazarini, 2019). Lazarini (2019) ainda acrescenta que o tempo subjetivo dessa fase tem como marco a impossibilidade de apreensão plena do saber sobre o sexo que irrompe no sujeito, ou seja, do saber sobre o desejo do Outro. Ademais, considera, também, um tempo de luto dos ideais familiares que nortearam os laços subjetivos na infância e constituíram todo ideal que deixou de funcionar. Para Fernandez

(2021), essa fase está diretamente relacionada à família, não só pela relevância que o papel dos pais adquire nesta elaboração, mas também pelas configurações que são mobilizadas nos pais. Fernandez (2019) acrescenta que, durante a adolescência, os mesmos continuam a ser figuras tão relevantes quanto no desenvolvimento inicial, sendo participantes dos processos de constituição psíquica de seus filhos.

No Seminário 10: a angústia, Lacan ([1962-1963] 2005) caracteriza essa passagem como uma reformulação periódica de conceitos, uma passagem de um sistema conceitual para outro, quando considera haver um curto “momento de resistência”. Dessa forma, podemos dizer que, o adolescente se rebela contra o seu percurso de amadurecimento confrontando a herança simbólica que fixa a realização de seu ser num lugar predeterminado, por intermédio de palavras, queixas e transgressões. Portanto, através desses atos torna-se possível que os conteúdos recalcados relativos à constituição cultural de instituições como estado, família e religião sejam exteriorizados (Lazarini, 2018).

4.3 SEXUALIDADE PARA A PSICANÁLISE

Desde antes do nascimento a criança é interpelada pelo Imaginário e pelos significantes daqueles que sustentam as funções maternas e paternas (Lacan, 1985), sendo a cultura e a socialização, promovidas pelas famílias, fatores organizadores das experiências subjetivas dos sujeitos, inclusive no que se refere à sexualidade. Assim, a família é uma unidade simbólica formada por laços afetivos entre sujeitos que desempenham papéis e funções específicos (Freud, 1925/2002).

A elaboração científica dos fenômenos físicos e psíquicos da sexualidade infantil está em seus primórdios, no período da infância. Esta fase pode ser considerada como uma época importante da vida, na qual é possível absorção e a reprodução de impressões que deixaram traços mais profundos em nossa vida psíquica e se tornarão determinantes em nossa vida futura (Freud, 1905).

As teorias sexuais infantis são construções subjetivas que têm origem nos componentes da pulsão sexual, funcionando de forma singular na organização do sujeito e são evidenciadas nos corpos, atos, sintomas, fantasias e, sobretudo, nas angustias e medo (Mello, 2019).

O que somos ou o que gostaríamos de ser, o “eu” que construímos e afirmamos estará sempre de alguma forma, alienado ao outro que nos recebe no mundo e nos apresenta a ele. Esse encontro é necessário e constitutivo, porém o descompasso entre o que a mãe projeta sobre a criança (a criança ideal) e o que a criança revelará ser (a criança

real), causará um desalinhamento, pois o infante nunca corresponderá às expectativas projetadas nele pelo narcisismo dos pais. Assim, o “eu” se constituirá, portanto, num espaço pré-formatado por uma espera que não é sua (Assuar, 2022). Para Ceccarelli (2017), a capacidade da criança em responder a esse desalinhamento relaciona-se diretamente com o que dela se espera. Tanto uma expectativa desmedida em relação à resposta da criança, quanto a falta de expectativa geram um ‘excesso de violência’, com consequências as mais variadas. Assim, as contingências que o sujeito deverá enfrentar no seu processo singular de constituição, nesse jogo narcísico de expectativas e decepções, imprimirão marcas das mais variadas no seu psiquismo (Assuar, 2022).

Lacan demonstrará, por meio da falta irremediável de um significante no campo do Outro, a existência de tipos diferentes de gozo, a impossibilidade lógica de significar a relação sexual (Mello, 2019). Por conseguinte, A sexualidade, conjunto de atitudes socialmente organizadas que envolve as excitações que proporcionam prazer aos sujeitos desde a infância (Freud, 1905/2016; Lacan, 1992) é organizada, geralmente, por familiares que exercem funções na vida do indivíduo, por intermédio de discursos, não se limitando aos órgãos genitais e às relações sexuais, comportando também a linguagem (Mello, 2019).

Para a psicanálise, a sexualidade está para além do instinto sexual, havendo uma função corpórea mais abrangente, ligada às pulsões e que visa primordialmente a satisfação, não capturando propriamente o objeto, mas, girando em torno dele, já que, este é substituído ao longo da vida. Desse modo, ela promove uma ruptura em relação aos órgãos genitais em si e nada têm a ver com uma finalidade reprodutiva (Cruz e Fontenelle, 2020). A psicanálise investiga as pulsões, de vida e morte, forças que se movem a partir de circuitos em torno do objeto, produzindo ressonâncias, conexões entre os sujeitos, os objetos, o meio, sintomas, fantasias, na fronteira entre o corpo e o campo da palavra (Mello, 2019). Parte da premissa de que o corpo não está localizado no campo natural e biologicamente determinado. Para ela, o corpo é considerado uma construção, uma inscrição a ser efetivada no aparelho psíquico (Cruz e Fontenelle, 2020). Desse modo, o corpo se configura como uma superfície de inscrição, não de sentido, mas de gozo (Lacan, 1972/1985). Para Freud (1923/1996c), essa inscrição do corpo nunca é realizada totalmente. Há sempre um excesso que não se inscreve e com isso causa efeitos. Trata-se, portanto, de uma escrita que serve ao gozo, àquilo que o ser falante, o *falasser*, tem de mais singular (Lacan, 1972/1985). Dessa forma, o corpo pulsional revela atravessamentos que ocorre no sujeito pelos efeitos de sua inscrição na linguagem. Outro ponto a ser considerado em relação ao corpo e a sexualidade é que este é regido pela

libido, visando basicamente a satisfação.

Ao corpo pulsional não interessa a finalidade biológica da reprodução, pois a sexualidade humana nada mais tem de natural, uma vez que se inscreve no campo simbólico, tendo, desse modo, arrancado o corpo pulsional da sua função biológica, desnaturalizando-o pela incidência do significante. Este é regido pela libido, visando basicamente a satisfação (Cruz e Fontenelle, 2020). Freud (1917/1996b, p.326) ao propor a etiologia sexual dos sintomas histéricos no final do séc. XIX, rompe com o determinismo biológico, demonstrando que a sexualidade não é regida pelo instinto, mas pelas pulsões, as quais visam objetos que nada têm a ver com uma finalidade reprodutiva. Ele descreve a sexualidade infantil como perversa polimorfa, ou seja, não tem um objeto sexual predeterminado geneticamente e o objeto de satisfação da pulsão sexual pode ser qualquer um e que raras vezes um ou outro traço de perversão está ausente da vida sexual de pessoas.

Lacan traz que a sexualidade humana está inscrita nos registros Imaginário, Simbólico e Real. No registro Imaginário, situa a imagem especular do corpo enquanto corpo narcísico. É o lugar primado do eu, da fusão com o corpo da mãe. No registro Simbólico, situa o corpo enquanto corpo falante sustentado pela estrutura de linguagem, cuja consistência é o furo. É o lugar do significante e da função paterna. No Real, o corpo se situa enquanto gozo, corpo feito para gozar de si mesmo. Está sempre ligado a algo que nos escapa, algo do inconsciente que nos constituiu e ao qual nos alienamos: o desejo do Outro. Essas inscrições são marcadas pelo mal-entendido, a falta, por desejos insatisfeitos e impossíveis, pelo gozo desmedido e excessivo e pela discordância entre saber e ser.

Para a psicanálise, o corpo pulsional é o corpo do ser falante, e seu modo de gozar situa-se, por um lado na periferia e por outro fora do corpo. Esse gozo localiza-se nas bordas, nos buracos do corpo, chamado por Freud de zonas erógenas. Simultaneamente, situa-se fora do corpo por meio de seus objetos que são separados do corpo, enumerados por Lacan em quatro: seio, fezes, voz e olhar. A sexualidade, portanto, chega à criança de diversas maneiras, nas experiências das zonas erógenas de seu corpo, traumáticamente pela presença e ausência das palavras e gozo, pela contingência de um encontro, do que surge como sintomas, falicamente, quando dispõem de significantes para organizar sua experiência, teoricamente, quando podem ter acesso às informações que vêm do Outro (Mello, 2019).

4.5 SEXUALIDADE E AUTISMO – CAPACITISMO, EUGENIA E O LUGAR DO SEXO DESDE A REFORMA HIGIENISTA

O Capacitismo refere-se à discriminação e preconceito contra pessoas com deficiência. Já a Eugenia corresponde à prática de tentar melhorar a população humana através de controle seletivo da reprodução. Dessa forma, a reforma higienista foi um movimento que buscava melhorar a saúde pública e as condições sanitárias, e estava ligada a ideias eugenistas (Lima, 2021; Barroso, 2019).

Segundo Lima (2021) foi fundada uma organização sobre a dicotomia representada pela paridade normalidade/anormalidade, na qual estabeleceu o atendimento clínico-terapêutico como modelo de trabalho ancorado em diagnósticos e testes psicométricos, evidenciando a hegemonia de uma perspectiva biomédica normalizadora. Acrescenta que sendo uma forma de opressão sistemática às pessoas com deficiência e amplamente presente em nossa cultura, o Capacitismo apresenta-se de maneira estrutural, ou seja, a cultura entende a ausência de deficiência como correspondente a certo modelo de corpo e de mente produzido a partir de uma idealização da espécie como um todo. Assim, trata-se de uma generalização que é alinhada a uma expectativa em relação aos comportamentos, modos e capacidades.

Conforme Lima (2020), a identidade educacional brasileira foi formada e articulada ao projeto social eugênico, no qual não existia lugar para a diversidade humana, pois estava pautada no padrão de “normalidade” biológica. Àqueles que eram classificados fora do padrão idealizado eram tidos como doentes e degenerados, cujo lugar de atendimento seriam as instituições como: hospitais, asilos, isolamento domiciliar, entre outras alternativas para segregá-los. Dessa forma, a deficiência vista sob o olhar da concepção biomédica circunscreve ações médicas e terapêuticas com foco na reabilitação à normalidade e, conseqüentemente, as intervenções às pessoas com deficiência fica limitado à técnica de intervenção em seus corpos (Barroso, 2019).

Incluído como deficiência, inicialmente, o autismo foi introduzido na sintomatologia esquizofrênica no campo das psicoses, e foi definido como perda parcial do contato com a realidade e desvinculação do laço social com isolamento, de maneira que o sujeito se encontra em dois mundos, isto é, o mundo autista e o mundo das relações com o outro. Desde a sua inclusão ao estatuto de categoria diagnóstica específica em 1943 na psiquiatria infantil até a atualidade, o mesmo se tornou um diagnóstico em expansão e demonstra as mudanças sofridas pelo sintoma a partir da incidência do Outro social na realidade psíquica. Assim, suas categorias e tipo clínicos foram alterados e sofreram influências de diversos aspectos da sociedade ao longo dos tempos (Barroso, 2019).

A partir de 1970, passou-se a questionar a compreensão de deficiência sob o olhar do pensamento biomédico, modificando a perspectiva em que ela parecia restrita individualmente e passaram a inscrever a existência de pessoas com deficiência no tecido coletivo e político. Dentro dessa perspectiva, suas demandas passaram a ser percebidas como questão de justiça social e direitos humanos. Com a inversão na perspectiva daqueles que se apresentam diferentes e estigmatizados, surge o modelo social de deficiência, que defende que as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência são resultado da forma como a sociedade lida com as limitações de cada indivíduo. Porém essa discussão é pouco abordada nas práticas educativas (Lima, 2021).

5 MÉTODO

5.1 DESENHO DO ESTUDO

O presente estudo consiste em um trabalho multimétodo, de caráter qualitativo exploratório, estruturado em: Método 1, no qual serão apresentados os eixos temáticos construídos na perspectiva de uma revisão integrativa; Método 2, caracterizado por ser um estudo documental, de análise filmica, com base no episódio oito da primeira temporada da série *Atypical*. Assim, teremos dois momentos organizando o estudo: revisão integrativa e análise filmica.

5.1.1 Desenho Método 1 - Revisão Integrativa

O desenho da metodologia 1 consiste em uma revisão de literatura integrativa, na qual foram seguidos seis passos, coerentemente com o método para constituir esse estudo: identificação do tema e seleção da questão do objeto de estudo para elaboração da revisão integrativa; estabelecimentos de critérios para a inclusão e exclusão de estudos; categorização dos estudos; avaliação crítica dos estudos inclusos; interpretação dos resultados e apresentação da síntese do conhecimento.

5.1.2 Estratégia de Busca Método 1

Como critério de busca dos artigos, foram utilizadas as seguintes plataformas: *Scielo*, *Pepsico*, *MEDLINE/Pubmed* e *BVS*. Os instrumentos de coleta e dados foram os operadores booleanos (AND OR NOT) e os descritores derivado das palavras-chave “autistic disorder”, “Sexuality” e “adolescence” encontrados no MeSH (Medical Subject Headings). De forma detalhada, a busca foi realizada com essas combinações "autistic disorder"[MeSH Terms] OR autism [Text Word]"sexuality"[MeSH Terms] OR "sexual

behavior"[MeSH Terms] OR sexuality [Text Word] AND (medline[sb] AND "2024/03/25"[PDat]. A seleção no *Pubmed* teve os seguintes filtros: artigos publicados nos últimos cinco anos e a faixa etária compreendida entre 13 a 18 nos. Já na plataforma BVS:(autismo) AND (sexualidade) AND (adolescência) AND NOT (depressão) AND (ansiedade). Na plataforma Pepsic foram utilizados autismo [Todos os índices] and sexualidade [Todos os índices]. Por fim, na plataforma Scielo: (autism) AND (sexuality).

Além disso, algumas referências presentes nos artigos, identificados pela estratégia de busca, foram, também, procuradas manualmente.

5.1.3 Critérios de Inclusão e Exclusão Método 1

Critérios de inclusão: ambos os sexos, idade compreendida entre 12 e 18 anos, conviver com o transtorno do espectro autista. Os trabalhos que foram incluídos são estudos do período de 2014 a 2024 de revisão de literatura e estudo de pesquisa científica e nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa.

Critérios de exclusão: foram selecionados os seguintes critérios: idade acima de 18 anos, nível de cognição baixo, déficit cognitivo, comorbidades associadas como epilepsia, TDAH, depressão, entre outras.

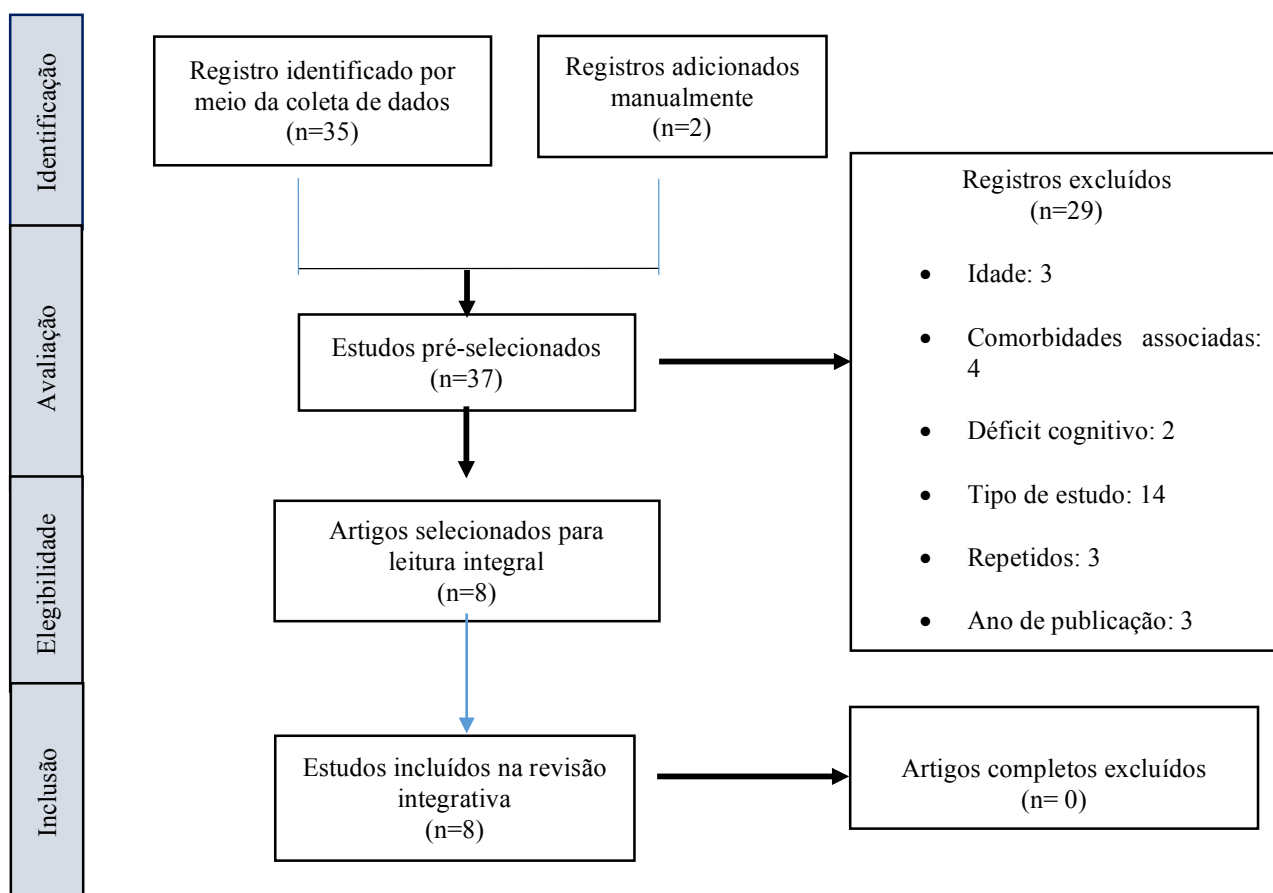
5.1.4 Identificação e Seleção do Estudo Método 1

Os estudos foram identificados respeitando os critérios de inclusão e exclusão (Figura 1). Os títulos e o resumo foram analisados de forma separada e os trabalhos que foram insatisfatórios, foram lidos a fim de serem triados de forma manual também, seguindo os critérios de elegibilidade.

5.1.5 Extração de Dados Método 1

Foram coletados seguintes dados dos artigos selecionados: título, autores, ano de publicação, idade dos participantes e tipo de estudo.

Figura 1: Fluxograma dos Critérios de Seleção e Exclusão dos Estudos



5.2 DESENHO MÉTODO 2- ANÁLISE FÍLMICA

Estudo qualitativo, documental de análise fílmica que teve como objetivo analisar cenas do episódio 8 da primeira temporada da série *Atypical*, fazendo uma breve descrição. Em seguida, foi realizada a compreensão dos elementos destacados, interpretando-os e possibilitando uma melhor visualização dos aspectos selecionados

5.2.1 Extração dos dados

Após assistir exaustivamente a película, foram observadas cenas compatíveis com o objeto de estudo, registrando e descrevendo a mesma e colocando o minuto e segundo que acontecia.

5.2.3 Critérios de Inclusão e Exclusão Método 2

Foram incluídas cenas relativas às interações do personagem principal, no que diz respeito as particularidades em conviver com transtorno de espectro do autismo e sua sexualidade.

Não foi adotado nenhum critério de exclusão.

5.2.4 Tratamento dos dados

O episódio foi analisado com o objetivo de destacar as particularidades do adolescente que convive com TEA em relação à sexualidade e propor uma discussão, confrontando a literatura científica sob a perspectiva da psicanálise.

Depois de assistir de modo a esgotar as cenas do referido episódio, foram organizadas as categorias e subcategorias detalhadas no item resultado, a saber: 1) caracterização do autista e seu entorno, na qual se considerou algumas características peculiares em indivíduos com TEA. Assim, esse conjunto foi subdividido nas subcategorias: 1.1) Laço social que levou em consideração dificuldades em alguns aspectos das interações humanas como linguagem não verbal, ironia e contexto afetivo; 1.2) Família atípica abordando pontos como a superproteção e insegurança; 1.3) Hiperfoco mostrando um intenso interesse em assunto específico; 1.4) Empatia abordando a capacidade de sentir o que sentiria outra pessoa, caso estivesse na mesma situação; 2.0) sexualidade propriamente dita refletindo acerca de estigmas e preconceitos, além de considerá-la como direito de todos. Subsequentemente, os eixos foram ilustrados com recortes de cenas que descreviam o aspecto abordado em cada categoria, registrando o tempo em que cada cena aconteceu na película. Os dados foram discutidos na perspectiva da psicanálise, confrontando com os dados encontrados na revisão integrativa de conteúdo, que compõe o método 1 do presente estudo.

6 RESULTADO

6.1 RESULTADO MÉTODO 1

As características principais dos estudos incluídos na revisão integrativa consistem nos seguintes dados: foram publicados entre o ano de 2019 e 2024, sendo 3 na língua portuguesa, 2 na língua espanhola e 3 na língua inglesa. Em relação ao tipo de estudo 4 consistiam em revisão de literatura, 3 em estudo exploratório transversal qualitativo e descritivo e 1 uma pesquisa científica. Nenhum estudo reportou comorbidades, déficit cognitivo, nível de cognição baixo. Todos os participantes

conviviam com o transtorno do espectro do autismo e apresentavam idade compreendida entre 12 e 18 anos. Além disso, sua divisão categórica esta exemplificada na tabela 1 e 2.

Tabela 1: Levantamento de Artigos Selecionados por Ano, Autor, País e Revista

| Base de dados | Nome do artigo | Autor | Ano | País | Periódico |
|---------------|---|---|------|-----------|----------------------------------|
| PEPSICO | Autismo e sexualidade | Lucia Maria de Lima | 2019 | Brasil | Psicologia em Revista |
| | Discursos de Familiares Acerca da Sexualidade de Sujeitos Autistas | Graziela Mezin da Silva e Rafael De Tilio | 2021 | Brasil | Revista subjetividades |
| SCIELO | “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas | Aline veras Moraes Brilhante <i>et al</i> | 2021 | Brasil | Revista Ciência e Saúde Coletiva |
| | Percepción de los padres acerca de la comunicación sobre sexualidad de sus hijos con trastorno del espectro autista | Tatiane Geralda André <i>et al</i> | 2022 | Espanha | Revista de enfermagem |
| | Desarrollo afectivo-sexual en las personas con trastornos del espectro autista | Amaia hervas e Carlota Pont | 2020 | Argentina | Revista Medicina |
| PUBMED | Affectivity, sexuality, and autism spectrum disorder: qualitative analysis of the experiences of autistic young adults and their families. | Jordi Torrabas Ortega <i>et al</i> | 2023 | Inglês | Journal of Psychiatry |
| | Sex and sexuality in Autism Spectrum disorders | Maria Grazia Maggio | 2023 | Inglês | Revista Brain Science |
| | Short report: Recommendations for education, clinical practice, research, and policy on promoting well-being in autistic youth and adults through a positive focus on sexuality and gender diversity. | Jeroen Dewinter <i>et al</i> | 2024 | Inglês | Revista Autism |

Tabela 2: Levantamento de Dados por Objetivo, Método e Eixos Encontrados

| Base de dados | Nome do artigo | Objetivo | Método | Eixos temáticos encontrados |
|---------------|---|---|--|---|
| PEPSICO | Autismo e sexualidade | Percorrer alguns conceitos básicos da psicanálise sobre autismo e sexualidade | Relatos autobiográficos de quatro sujeitos | Comportamento Social do indivíduo com TEA |
| | Discursos de Familiares Acerca da Sexualidade de Sujeitos Autistas | investigar discursos de familiares sobre a sexualidade de sujeitos autistas | Pesquisa científica | Paradigma da Neurodiversidade |
| PUBMED | Affectivity, sexuality, and autism spectrum disorder: qualitative analysis of the experiences of autistic young adults and their families. | conhecer a opinião de indivíduos com transtornos do espectro do autismo (TEA) e de suas famílias | Estudo Qualitativo e Descritivo | Paradigma da Neurodiversidade e Comportamento Social do indivíduo com TEA |
| | Sex and sexuality in Autism Spectrum disorders | Avaliar a função e o comportamento sexual em indivíduos com | Revisão de Literatura | Comportamento Social do indivíduo com TEA |
| | Short report: Recommendations for education, clinical practice, research, and policy on promoting well-being in autistic youth and adults through a positive focus on sexuality and gender diversity. | Apresentar recomendações para promover a saúde e o bem-estar relacionados à | Revisão de Literatura | Educação e informação sobre a sexualidade |
| SCIELO | "Eu não sou um anjo azul": a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas | Identificar as demandas de autistas sobre sua sexualidade, | Pesquisa qualitativa | Paradigma da Neurodiversidade |
| | Percepción de los padres acerca de la comunicación sobre sexualidad de sus hijos con trastorno del espectro autista | Explorar as percepções dos pais em relação à comunicação sobre sexualidade com seus filhos autistas | Estudo Qualitativo, Descritivo e Exploratório, | Paradigma da Neurodiversidade |
| | Desarrollo afectivo-sexual en las personas con trastornos del espectro autista | Discutir as dificuldades no desenvolvimento afetivo-sexual das pessoas com TEA | Revisão de Literatura | Comportamento Social do indivíduo com TEA |

A partir da leitura exaustiva dos artigos foram destacados 3 eixos temáticos a) Paradigma da Neurodiversidade; b) Comportamento Social do indivíduo com TEA, diretamente relacionados aos aspetos afetivo-sexuais, abrangendo as características da Dinâmica familiar, social e comportamental; c) Educação e informação sobre a sexualidade. Dos 8 artigos selecionados para a análise dos resultados, 4 discutiam essencialmente sobre o respeito e reconhecimento perante todas as necessidades neurobiológicas. O estudo de Silva e Tilio (2021) defende que as modalidades terapêuticas não devem ter a cura como foco principal, mas centrar-se na potencialização das habilidades, fornecer suporte socioemocional e fomentar estratégias diante das demandas individuais e ambientais. É importante ressaltar que, para minimizar a deficiência das pessoas autistas, tanto o ambiente físico como o social exigem mudanças,

uma vez que as barreiras atitudinais à inclusão e à aceitação são muitas vezes significativas. Dentre os quatro estudos, o de Brilhante (2021) foi mais além e aborda o direito da pessoa autista sobre seu corpo e sua sexualidade, independentemente do nível de limitações, refutando a crença de que autistas seriam pessoas assexuadas ou “eternas crianças”. Ademais, artigo de Dewinter *et al* (2024) abordou a sobre a temática educação e a necessidade de informação sobre a sexualidade. Em relação ao comportamento social do indivíduo com TEA, os estudos de Hervas e Pont (2020), Maggio (2023), Lima (2019) e Ortega (2023) chamaram atenção para esse tema. Vale ressaltar que este último artigo abordou, também, a temática do comportamento social no TEA.

6.2 RESULTADO MÉTODO 2

1) Caracterização do autista e seu entorno

Nessa categoria foram incluídas as caracterizações do autista e algumas particularidades envolvidas ao redor de indivíduos que convivem com TEA.

Laço Social

Durante a análise do oitavo episódio da primeira temporada, a falha nesses aspectos fundamentais nas interações humanas foi evidenciada no protagonista da série. Essas características se manifestaram na dificuldade de interpretar as emoções dos outros, como a linguagem não-verbal e a ironia. Além disso, sua incapacidade de articular espontaneamente a representação, emoção e atuação transmite uma impressão de insensibilidade, decorrente da incompreensão do contexto afetivo. Essas particularidades podem ser visualizadas em algumas cenas como no início do episódio, quando Paige, a família e Sam estão comemorando o aniversário de Paige em um restaurante. Sam está concentrado e pensando em Júlia, sua psicóloga. Em um dado momento,

Sam grita: “Júlia!”

Paige: “Tudo bem, Sam?”

Sam: Paige, me desculpe dizer isso, mas eu não deveria estar aqui. Eu não amo você.”

Paige: “O quê?”

Sam: “Eu não amo você. Eu achava que sim, porque você passou em um teste que elaborei, mas um teste melhor era simplesmente saber, e você não passou nesse. Então é melhor terminarmos.”

Levanta e vai embora do restaurante.

Em um outro momento, Sam está a caminho do consultório de Júlia e pensa “aprendi muito sobre o amor este ano. Pode ser complicado. E, aos 2’ 20”, Sam chega ao consultório da sua psicóloga Júlia.

Sam: “Júlia, eu queria lhe dizer uma coisa e tinha que ser pessoalmente, porque a mensagem envolve um presente. Eu queria namorar com você desde que lhe dei meu cérebro, mas soube que você tinha namorado e que havia algo chamado conflito de interesse, então, como meu pai sugeriu, eu arranjei uma namorada de treino, Paige, para me preparar para o nosso namoro”. Estou pronto agora, sei dançar, ir ao shopping, eu já vi peitos, uns bem legais”.

Aos 27’48” Sam e Paige estão no iglu.

Sam: “Eu queria que namorar fosse simples, mas não é simples. Eu não sei se amo você. Eu não sei mais quem eu amo, mas você é divertida e bonita e gosto do jeito como você espirra.”

Paige: “Eu agradeço a sua sinceridade. Bom, eu acho que não deveríamos namorar de novo até você ter certeza do que quer, mas isso não nos impede dar uns amassos.”

Os dois deitam e se beijam e aos 32’25” Sam chega junto aos pais, no baile silencioso.

Sam: “Ganhei uma punheta no iglu!”

Família

A série retrata a família de Sam coerentemente com características de famílias atípicas que tendem a ser mais super protetoras e inseguras, como acontece no episódio em questão. Em uma cena, aos 18’25” Elsa e Doug estão arrumando o baile silencioso quando Elsa recebe uma foto do filho, no celular, enviada por Zahid e mostra a Doug.

Elsa: “Amor, olhe! Olha só ele”

Doug: “Ele está ótimo. Imaginou que ele iria a um baile escolar?”

Elsa: “Principalmente depois de ontem. Nos saímos bem”

Doug: “Eu sei”

Elsa: “Muito bem”

Doug: “Eu sei. Foi um dia difícil”

Elsa: “Quer saber?”

Doug: “O quê?”

Elsa: “Você tinha razão. Fez bem em pressioná-lo. Você tem sido ótimo com ele. Ele anda precisando mais de você do que de mim, o que é difícil para mim, mas ótimo para ele.

O dialogo segue, e em 19’21”

Doug: “Mas é que sempre foram...você e Sam juntos. É sempre o Sam e você e ... ele começou a falar comigo e eu não quis perder aquilo.”

Elsa: “Sim, eu deixei o Sam separado e seguro”

Dessa forma, fica evidente um excesso de zelo e cuidado com o filho. Essa característica familiar também ficou evidente na irmã de Sam, Casey.

Aos 26’26” Casey observa de longe a conversa entre Sam e Paige. Se aproxima do irmão e chama-o para dançar. Durante a dança,

Casey diz: “Eu não preciso estudar na Clayton”

Sam: “O que?”

Casey: “É que, se você precisar de mim aqui, eu posso recusar a bolsa”

Sam: “Seria burrice”

Casey: “Se acontecer algo com você como ontem e eu não estiver lá?”

Hiperfoco

No caso do protagonista da série nota-se que seu hiperfoco manifesta-se de diversas maneiras como: forte interesse pela Biologia, fascínio pela Antártida e pinguins que habitam o continente e a todo tempo faz comparação da vida humana com a vida desses animais. Essa característica pode ser observada ao longo de todo episódio. Uma cena que retrata bem é aos 9’30”, após ter uma crise e desregulação emocional. Sam está deitado na sua cama e Casey chega ao seu quarto

Casey: “Assistindo o quê?”

Sam: “Planeta gela. Um documentário de sete episódios sobre a natureza. Este é sobre vulcão no gelo.”

Casey: “Parece horrível”.

Em seguida, Sam segue refletindo “quando neva, fica muito silencioso, porque a neve absorve o som. Quando há uma nevasca, é como um isolamento sonoro para o planeta. Eu queria que, às vezes, nevasse para sempre, sem parar.”

Aos 27’48” Sam e Paige estão no iglu.

Sam: “É um bom iglu. Bem melhor que o último”

Paige: “Então... o que está acontecendo, Sam? Você vem e aparece com meu colar todo molhado. O que você quer? Quer que a gente volte?”

Sam: “Eu quero explicar, mas preciso falar sobre animais, e sei que isso irrita você.”

Sam: “Na natureza é simples. Os animais acasalam com um espécime apropriado. Eles abrem as asas e mostram as nádegas coloridas e acasalam. Isso faz sentido.

Eles não sentem amor. Não ficam magoados. Eles não fazem bailes. Na verdade, alguns pássaros dançam de forma bem ridícula.”

No final do baile aos 33’38” estão todos dançando.

Sam: “Pesquisadores descobriram recentemente que os pinguins, ao se movimentarem juntos, criam uma estrutura de aquecimento única. Assim, os pinguins-imperadores dançam para se aquecer. Eles aquecem o planeta”.

Empatia

No episódio, essa característica é evidenciada em várias cenas como: ao 14’29”, quando Sam faz uma reflexão acerca da empatia evidenciando o estigma e preconceito dessa particularidade em indivíduos com autismo.

Sam: “As pessoas pensam que autistas não têm empatia, mas isso não é verdade. Nem sempre sei quando alguns está chateado, quando sei, eu sinto muita empatia. Talvez mais que os neurotípicos”.

Em uma outra cena, aos 17’58” Sam está se arrumando para o baile silencioso e fala:

Sam: “Fiz a Paige sentir o que a Júlia me fez sentir, o que é muito ruim. Então eu vou me redimir encontrando o colar dela e dando a ela no baile”.

Outra cena aos 25’50”, Sam entra molhado no baile silencioso e segue em direção a Paige.

Sam diz: “Eu encontrei isto”. E mostra o colar.

Paige pergunta: “Como? E por quê?”

Sam responde: “Como, refiz seus passos e achei na piscina e por que me senti mal por ter magoado você. É um pedido de desculpa. Você me perdoa?”

2) A sexualidade propriamente dita

A série amplia as discussões para além dos desafios do espectro do Autismo. De uma forma realista, representa a sexualidade como parte normal da vida das pessoas, quebrando tabus e preconceitos, mostrando que a sexualidade é um direito de todos. Além de chamar atenção para a importância do respeito, da compreensão e da inclusão para pessoas com TEA no que tange esse aspecto que, na maioria das vezes, é invisibilizado e ignorado. Sam Gardner, o protagonista autista, enfrenta desafios significativos ao explorar sua própria sexualidade. Ele é curioso e busca informações sobre relacionamentos e sexo, além de ler livros e assistir a vídeos educativos para entender melhor esses aspectos da vida. Busca aprender sobre namoro, beijos e intimidade

gradualmente, com o apoio de amigos e familiares. É honesto e direto sobre suas necessidades e limitações, comunicando suas preferências e desconfortos de maneira clara e sem rodeios. Sam enfrenta ansiedade e incerteza em relação ao namoro e à intimidade. Lida com rejeição e inseguranças, mas também experimenta momentos de alegria e conexão. A jornada de Sam é autêntica e reflete os desafios e triunfos que muitos jovens enfrentam ao descobrir sua sexualidade. Dessa forma, abordar a sexualidade de forma respeitosa e inclusiva é fundamental para apoiar o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas com TEA. Portanto, a análise fílmica do episódio oito da primeira temporada da série *Atypical* contribui para a reflexão sobre as especificidades do desenvolvimento da sexualidade e das relações em pessoas com TEA.

7 DISCUSSÃO

A discussão do presente estudo será realizada a partir da confrontação entre as categorias construídas a partir da série *Atypical*, com os eixos temáticos estruturados na Revisão Integrativa.

O paradigma da Neurodiversidade aborda uma temática de suma importância e chama atenção para a necessidade de adoção de um modelo social, na qual parte da premissa que o ambiente que é incapacitante e não leva em conta a existência de pessoas que funcionam de modo diferente. Desse modo, Silva e Tilio (2021) mostram que os diagnósticos de transtorno do espectro do autismo aumentaram consideravelmente nos últimos anos e, não raro, os sujeitos autistas são considerados por seus familiares como assexuados, sexualmente pouco desenvolvidos, sexualmente infantilizados ou mesmo sexualmente descontrolado.

Brilhante *et al* (2021) acrescenta que as experiências e as expressões da sexualidade de pessoas autistas são tão diversas quanto o espectro. Embora pessoas que convivem com o transtorno do espectro autista se desenvolvam física e sexualmente de acordo com os estágios típicos de desenvolvimento, existem singularidades que não devem ser ignoradas, demandando uma estrutura de apoio adaptável e que considere necessidades, desejos, dificuldades e comprometimentos.

Nessa mesma perspectiva, Brilhante (2021) traz que os processos discursivos são organizados para a construção de um significado único para a sexualidade da pessoa autista e, na medida em que a limitação é atribuída exclusivamente à condição de deficiência, parte-se da presunção de incapacidade. Desse modo, a infantilização do indivíduo que convive com autismo legitima a patologização de suas sexualidades,

criando uma congruência narrativa entre um modelo patologizante da deficiência e a sociedade disciplinar normativa. Silva e Tilio (2021) acrescentam que indivíduos que convivem com a condição de autismo, muitas vezes, são desacreditados da possibilidade de vivenciarem satisfatoriamente sua sexualidade. Logo, é importante ressaltar que, para minimizar a deficiência das pessoas autistas, tanto o ambiente físico como o social exigem mudanças, uma vez que as barreiras atitudinais à inclusão e à aceitação são muitas vezes significativas (Brilhante *et al*, 2021).

No episódio oito da primeira temporada da série *Atypical*, esse paradigma pode ser mostrado e confrontado com os aspectos relacionados à forma como a família lida com Sam e com a sua sexualidade. Fica evidente que a série aborda a dinâmica familiar atípica, nas quais tendem a apresentar a insegurança e superproteção como características marcantes acarretando em zelo e cuidados excessivos principalmente por parte da sua mãe Elsa. Dessa forma, ao questionar o modelo biomédico de classificação do autismo, o paradigma da neurodiversidade surge como uma contribuição para a superação de barreiras atitudinais construídas, possibilitando novas compreensões e modos de lidar com o autismo, pois o modo de ser e de expressão do sujeito autista compõe sua identidade que é, muitas vezes, marcada por sua dificuldade de manifestação em uma sociedade neurotípica. Logo, compreender o autismo sob a perspectiva identitária, contribui para o desenvolvimento de práticas e políticas educacionais anticapacitistas e a promoção da inclusão social.

Outra particularidade mostrada na revisão de literatura sob a categorização do comportamento social do indivíduo com TEA e também visualizada na série refere-se à categoria laço social e empatia.

No entendimento de Ortega *et al* (2023), o laço social é uma conexão entre dois lugares: o sujeito, onde nasce o discurso e o outro significante, ou seja, é uma forma de se conectar com o outro. Esses laços podem ser caracterizados por relações específicas, como proximidade, contato frequente, troca de informações, conflitos ou suporte emocional. A socialização é crucial para promover a aprendizagem saudável de comportamentos em todas as áreas da vida. Assim, um ponto essencial de cuidado familiar para indivíduos que convivem com o TEA é a aprendizagem socioafetiva. A afetividade envolve sentimentos, emoções e atitudes em relação a si mesmo, aos outros e ao mundo, além de ser considerada uma dimensão emocional fundamental e complexa da vida humana. Esta desempenha um papel importante em nossos relacionamentos interpessoais, decisões e comportamentos. Ademais, está intimamente ligada à

sexualidade, como uma expressão do comportamento social, abrangendo desde a amizade até a amizade romântica e a expressão sexual.

Indivíduos que convivem com o TEA apresentam dificuldades nessa ligação acarretando o que podemos chamar de inabilidade social. Esta relaciona-se às dificuldades que uma pessoa pode enfrentar ao interagir e se comunicar de maneira eficaz com os outros. No contexto do autismo, isso pode incluir desafios em compreender e responder a sinais sociais, manter conversas e fazer amigos, além da falta de filtro social. Algumas consequências das inabilidades sociais podem ser isolamento social, baixa autoestima, depressão, ansiedade e dificuldade em seguir regras.

A falta de filtro social presente em pessoas que convivem com o transtorno do espectro do autismo corresponde a dificuldade em moderar suas respostas sociais acarretando em comentários ou comportamento socialmente considerados inadequados. Isso pode gerar situações constrangedoras, mas também pode ser uma expressão de autenticidade e honestidade. Outros aspectos que estão intrinsecamente relacionados a inabilidade social são: problemas na interação social e comunicação social. Esta refere-se à capacidade de expressar-se adequadamente conforme esse entendimento social e a interação social remete ao entendimento de como funcionam as interações sociais. Logo, expressar desejos, necessidades e sentimentos pode ser complicado, principalmente no que tange a sexualidade.

Além disso, pessoas que convivem com TEA podem ter dificuldade em entender as sutilezas das interações sociais e das normas de comportamento. Isso pode afetar sua capacidade de interpretar sinais de interesse romântico ou de estabelecer limites adequados. (Ortega *et al* 2023). No episódio em questão, fica claro a presença dos comportamentos supracitados no protagonista. Em muitos momentos, Sam apresenta dificuldades na comunicação e na interpretação de sinais sociais, além de impasses na comunicação social devido ao desafio existente para entender gestos, expressões faciais e tom de voz. Indivíduos que convivem com autismo, frequentemente, enfrentam dificuldades para se expressar devido à ausência de registro no campo simbólico. Isto ocorre devido a uma falha no circuito pulsional, comprometendo a alienação, que diz respeito ao surgimento de um novo sujeito submetido ao Outro. Essa falha ocasiona uma resistência do sujeito em se oferecer como objeto ao outro, ou seja, o mesmo aliena-se ao Outro, porém com marca de recusa. Logo, o insucesso no processo de alienação está intimamente ligado ao fracasso na entrada na linguagem, dessa forma, recusar-se a entrar na linguagem seria uma forma de resistir ao Outro.

Ao refletirmos sobre essa alienação parcial nas relações sociais, devemos considerá-la sob outros aspectos, como a intolerância à frustração e o aspecto sexual, no qual se observa uma recusa em certos aspectos, como o toque e as trocas de olhares. No entanto, é importante pensar do ponto de vista da defesa do sujeito, que, ao se enunciar, implica um desejo que apenas repete o do Outro, apresentando dificuldades em circular o desejo na relação amorosa. Não há um encontro amoroso, e o encontro sexual é marcado por uma ausência de pudor e filtro, considerando o sexo de forma literal, sem demonstrar uma pulsão e sem se entregar ao desejo do outro. Contudo, é fundamental reconhecer que há um sujeito no adolescente com autismo, e que essas particularidades únicas de ser e estar no mundo devem ser consideradas como maneira própria de habitar o laço social e que apresentam singularidades em seu funcionamento psíquico. Entretanto, conforme os artigos incluídos na revisão de literatura, foi possível evidenciar que eles focaram apenas nas características descritas no DSM, não considerando aspectos como a alienação com recusa e o laço com o outro.

Uma outra questão refere-se a empatia que corresponde a capacidade de compreender e compartilhar os sentimentos do outro. Esta é uma habilidade essencial na construção de conexões significativas, permitindo a ligação, entre as pessoas, em um nível mais profundo. Isso fortalece os laços e cria um ambiente de confiança e apoio mútuo (Ortega *et al* 2023). Na série, Sam faz uma reflexão acerca desse ponto chamando atenção para o estigma e preconceito presentes em indivíduos com autismo. Ao evidenciar esse ponto, se faz necessário atentar-se ao modelo biomédico que tem como premissa principal o funcionamento deficitário do indivíduo com TEA.

Assim, desenvolver um olhar cuidadoso perante à noção dos sujeitos autistas como excluídos do campo do Outro, no sentido da existência de uma subjetivação sem pulsão e sem outro ou não subjetivação, é compreender que essas manifestações linguísticas ou a sua recusa vistas no autismo, correspondem como sinal de presença de linguagem, mesmo que ainda não direcionada à comunicação. Portanto, devido à dificuldade de leitura das emoções, o sujeito com autismo acaba demonstrando uma idéia de insensibilidade por não compreender o contexto afetivo e não saber articular de forma espontânea a representação, emoção e atuação. Dessa forma, a questão central é a compreensão. Quando ela está presente, a empatia pode, de fato, existir. Logo, devemos valorizar o que há de subjetivo em cada um, considerando suas ações por meio do seu corpo, gestos, voz e olhar, pois, estas são únicas e as habilidades de linguagem não verbal podem variar amplamente.

Outra questão também abordada na série e também encontrada na revisão de literatura é o hiperfoco. Essa particularidade corresponde ao interesse intenso e concentrado em áreas específicas. No episódio da série analisada, é demonstrado a todo momento o forte interesse de Sam pela Biologia, o fascínio pela Antártida e pinguins que habitam o continente comparando todo tempo a vida humana com a vida desses animais. Desse modo, através do uso de analogias, torna-se possível ao indivíduo com TEA falar e demonstrar seus sentimentos.

Educação e informação sobre a sexualidade é outro eixo encontrado na revisão de literatura e também abordado na série *Atypical*.

A revisão de literatura mostra que a educação adequada deve promover a saúde sexual e favorecer os relacionamentos entre pares, evitando o isolamento e auxiliando no manejo da dinâmica sexual, a fim de garantir o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas com TEA (Maggio *et al*, 2023). Porém, Ortega *et al* (2023) destaca que adolescentes e adultos autistas têm conhecimento e consciência limitados sobre sexualidade. Hervas e Pont (2020) acrescenta que a maioria das informações obtidas pelos indivíduos que convivem com TEA são realizadas através da internet. Assim, profissionais da educação e da saúde podem ser aliados no apoio à família, reconhecendo o seu papel fundamental na educação sexual de indivíduos com TEA. Para que essas medidas sejam efetivas ambas as partes devem estar intimamente ligadas (Ortega *et al*, 2023). Dessa forma, Programas de educação afetiva-sexual tanto para indivíduos com transtorno do espectro do autismo como para suas famílias são fundamentais e podem ser uma excelente maneira de prevenir problemas nesta área, devido à falta de compreensão social, normas culturais e consciência dos limites individuais (Hervas e Pont (2020). Assim, através da série, é possível visualizar a necessidade de uma educação sexual adequada de modo que os indivíduos que convivem com o autismo possam explorar sua sexualidade de forma segura e saudável. Para tal, é imprescindível um espaço de escuta e vazão às falas desses sujeitos, de modo que torne possível dar um sentido a essa questão e posteriormente aconteça a simbolização.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amplamente presente em nossa cultura, o Capacitismo apresenta-se de maneira estrutural e corresponde a uma forma de opressão sistemática às pessoas com deficiência. Sua prática impõe a produção de uma padronização de corpos considerada perfeita, típico da espécie e, portanto, essencial e totalmente humano. Dessa forma, a deficiência é

colocada em um lugar de inferioridade e a cultura entende a ausência de deficiência como modelo ideal de corpo e mente produzido a partir de uma idealização da espécie como um todo. Essa visão acarreta uma discriminação que promove tratamento desigual em decorrência da presunção de ausência de deficiência ou necessidade de normatização daqueles que ocupam espaços públicos. Ao pensarmos em indivíduos que convivem com autismo como deficientes, estamos impondo uma leitura capacitista perante esses sujeitos, atribuindo-lhes a noção de que a condição de deficiência é uma tragédia pessoal, desvinculada das questões estruturais, corroborando com a lógica sustentada pelo modelo biomédico e naturalizando o processo social de exclusão. Diante dessa perspectiva, se pensarmos a respeito da sexualidade desses indivíduos, devemos considerar que esse tema em nossa cultura é sempre acompanhado de preconceitos e discriminação. A dificuldade de considerar pessoas que convivem com TEA como sujeitos que apresentam uma identidade sexual, humana e com desejos está sempre presente na sociedade.

Reconhecer e respeitar essas singularidades, sobretudo, as diferentes formas de expressão da sexualidade desses indivíduos são essenciais. Ajudá-los a entender as normas sociais relacionadas à sexualidade pode ser desafiador, mas é fundamental para sua inclusão e bem-estar emocional. Assim, criar um ambiente onde esses adolescentes se sintam confortáveis para discutir suas dúvidas e preocupações sobre sexualidade é crucial, e deve envolver os pais, educadores e profissionais de saúde para esclarecer o tema.

Além disso, devido ao escasso interesse na literatura científica sobre a sexualidade de indivíduos com transtorno do espectro do autismo e à visão da deficiência como incapacidade, é vital conhecer e compreender essa temática. Isso permitirá oferecer o suporte adequado e desmistificar estigmas sobre as necessidades sexuais dessa população. Portanto, mais estudos nessa área são necessários.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association [APA]. (2014). **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Assuar, G. (2022). Psicanálise, sexualidade e gênero: Atravessamentos sociopolíticos na constituição do sujeito. *Boletim Formação em Psicanálise*, 30, 113-127.
- Barroso, S. F. (2019). O autismo para a psicanálise: Da concepção clássica à contemporânea. *Psicologia em Revista (Belo Horizonte)*, 25(3), 1231-1247. <https://doi.org/10.5752/P.1677-1168.2019v25n3p1231-1247>

- Binevicius, L., & Lourenço, L. C. d'A. (2020). Autismo e a hipótese de uma estrutura não decidida. *Revista Subjetividades*, 20(3), e10196.
- Brilhante, A. V. M., Filgueira, L. M. de A., Lopes, S. V. M. U., Vilar, N. B. S., Nóbrega, L. R. M., Pouchain, A. J. M. V., & Sucupira, L. C. G. (2021). “Eu não sou um anjo azul”: A sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(2), 417–423. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.40792020>
- Ceccarelli, P. R. (2017). **Transexualidades**. São Paulo: Pearson.
- Cruz, S. V. de O., & Fontenelle, A. S. (2020). Sexualidade, corpo e psicanálise. *Revista Subjetividades*, 20(3), 1-11. <https://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i3.e8756>
- Fernandez, D. (2019). Contribuições do Contra-Édipo parental na clínica com adolescentes. *Psicologia USP*, 32, e180153.
- Freud, S. (1905-2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In **Obras completas** (Vol. 6, P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1923-1925). Obras completas volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1996b). A interpretação dos sonhos II. In S. Freud, **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão & O. C. Muniz, Trad., Vol. 5, pp. 564-579). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. (1996c). A pulsão e suas vicissitudes. In S. Freud, **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (J. Salomão & O. C. Muniz, Trad., Vol. 14, pp. 116-123). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).
- Hervas, A., & Pont, C. (2020). Desarrollo afectivo-sexual en las personas con trastornos del espectro autista. *Medicina (Buenos Aires)*, 80(Supl. 2), 7-11. Recuperado em 20 de maio de 2024, de http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0025-76802020000200003&lng=es&tlng=es
- Hosseini, S. A., & Molla, M. (2021). Síndrome de Asperger. In **StatPearls**. StatPearls Publishing. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32491480/>
- Jucá, V. dos S., & Vorcaro, A. M. R. (2018). Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. *Psicologia USP*, 29(2), 246–252. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160157>
- Kessler, J. (Diretor), Jann, M. P. (Diretor), & Gordon, S. (Diretor). (2017). *Atypical* [Série de TV]. Estados Unidos: Netflix.
- Lacan, J. (1985). O seminário, livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (J.-A. Miller, Ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1954-1955).
- Lacan, J. (1988). O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1992). O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).
- Lacan, J. (1999). O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).
- Lacan, J. (2005). Seminário livro 10 – A angústia (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original proferido em 1963).
- Lazarini, G. (2019). Escritos sobre a clínica psicanalítica na adolescência. *Estudos de Psicanálise*, (51), 163-170. Recuperado em 21 de maio de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000100016&lng=pt&tlng=pt
- Lima, A. L. de S. (2021). Capacitismo e eugenia na educação brasileira: Uma reflexão a partir de aproximações epistemológicas. *Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte*, (1).
- Lima, M. C. P., Fontenele, T. C. B., & Gaspard, J.-L. (2020). O sujeito autista como figura da segregação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(3), 113-127.
- Maggio, M. G., Calatozzo, P., Cerasa, A., Pioggia, G., Quartarone, A., & Calabrò, R. S. (2023). Sex and sexuality in Autism Spectrum disorders: A scoping review on a neglected but fundamental issue. *Brain Sciences*, 12(11), 1427. <https://doi.org/10.3390/brainsci12111427>
- Maleval, J. C. (2018). Da estrutura autista. *Revista ASEPHallus de Orientação Lacaniana*, 13(26), 4-38.
- Medeiros, & Calazans. (2018). Aproximações entre luto e adolescência. *Revista da SPAGESP*, 19(1), 129-141.
- Mello, L. M. de L. (2019). Autismo e sexualidade. *Psicologia em Revista (Belo Horizonte)*, 25(3), 1263-1273. <https://doi.org/10.5752/P.1677-1168.2019v25n3p1263-1273>
- Organização das Nações Unidas. (2023). ONU marca Dia Mundial de Conscientização sobre Autismo. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/04/1812107>. Acesso em: 16 nov. 2023.
- Parchomiuk, M. (2018). Sexuality of persons with autistic spectrum disorders (ASD). *Sexuality and Disability*. <https://doi.org/10.1007/s11195-018-9534-z>
- Pecora, L. A., Mesibov, G. B., & Stokes, M. A. (2016). Sexuality in high-functioning autism: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 46(11), 3519-3556. <https://doi.org/10.1007/s10803-016-2892-4>
- Sala, G., Hooley, M., & Stokes, M. A. (2020). Romantic intimacy in Autism: A qualitative analysis. *Journal of Autism and Developmental Disorders*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04377-8>

- Silva, G. M. da, & Tilio, R. D. (2021). Discursos de familiares acerca da sexualidade de sujeitos autistas. *Revista Subjetividades*, 21(2), 1-16. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i2.e11018>
- Torralbas-Ortega, J., Roca, J., Coelho-Martinho, R., Orozko, Z., Sanromà-Ortiz, M., & Valls-Ibáñez, V. (2023). Affectivity, sexuality, and autism spectrum disorder: Qualitative analysis of the experiences of autistic young adults and their families. *BMC Psychiatry*, 23(1), 858. <https://doi.org/10.1186/s12888-023-05380-w>
- Viola, D. T. D., & Vorcaro, Â. M. R. (2018). A adolescência em perspectiva: Um exame da variabilidade da passagem à idade adulta entre diferentes sociedades. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, e3448. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3448>